VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1866. N.º 541

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Politica interna

BOLETIM

E' ainda o orçamento o que se discute na ordem do dia, na camara electiva.

O debate versou na sessão de sabbado, sobre o capitulo 14, com relação a alfandegas. Fallou sobre este ponto, o sr. Gavicho, que mostrou a necessidade de se fazer uma completa reforma nas alfandegas.

O sr. Annibal fallou tambem bastante neste sentido, e, perguntando ao sr. ministro da fazenda se estava satisfeito com o systema aduaneiro que existia, foi logo declarando que tal systema tinha muita influencia para que se não desenvolvessem, como convinha, algumas industrias. S.ex.ª apontou, como uma das principaes industrias, que o actual systema das alfandegas não podia deixar prosperar—o sal. O sr. Annibal, fallando do sal de Setubal, ponderou que era de muita conveniencia, que naquella alfandega entrassem os mesmos productos que na de Lisboa.

O sr. ministro da fazenda, respondeu a varias considerações de differentes deputados, tendentes a mostrar a necessidade de reformar as alfandegas, e declarou que julgava necessario fazer aigumas modificações na reforma destas repartições. Essas modificações, porém, acrescentou o nobre ministro, que não haviam de ter em vista augmentar o pessoal.—Pouco depois foi approvado o cap. 14, e começou a discussão do cap. 15, que versa sobre a administração da casa da moeda e do papel sellado.

O *Diario* não traz nada d'interesse.

Ha poucos dias, na camara electiva, disse o sr. ministro da fazenda que não era campo proprio para fazer politica a questão do orçamento. S. ex.ª, nestas palavras, avançou uma verdade que nós reconhecemos, e que quizeramos vêr traduzida em facto no seio da representação nacional. O assumpto é effectivamente pouco adequado para as facções e os partidos se degladiarem. Discute-se o orçamento, que é, sem duvida, a primeira questão do paiz, e tudo que vem crear obstaculos a que elle se examine sincera e desapaixonadamente, é mais que muito reprehensivel, e prova que da parte de quem se ha deste modo escassêa o patriotismo. Quem faz questão politica do orçamento trahiu a sua missão, que é propugnar pelo bem do seu paiz, e patentear bem claramente que ouve antes a voz da paixão do que a da sua consciencia.

Um assumpto de tão grande transcendencia, não deve ser rebaixado até ao ponto de servir de motivo a degladiações partidarias.

Lucta o thesouro com um consideravel *déficit*, são precarias as circumstancias da fazenda publica, está excessivamente sobrecarregado com dividas o paiz, e nesta conjunctura difficil, quando se faz mister que todos os homens publicos, sem distincção de partidos, sem differença de cores politicas, empenhem todas as suas forças em atalhar ao mal, que na realidade precisa de muita energia para ser debellado, é altamente reprehensivel, é até uma culpa que o paiz não pode perdoar, o estarem os representantes do povo fazendo politica na questão do orçamento. E' uma cruel decepção para quem crê que o patriotismo não passou ainda a ser uma palavra vã e mentida.

Que esperanças pode ter a nação de se ver um dia livre d'este estado anormal em que se acha, se os homens encarregados pelo povo de vigiarem pelos seus interesses chatinam a sua consciencia, vendem a sua honra, e escarnecem cynicamente o mandato que os seus constituintes lhes confiaram? Quando se viu fazer do orçamento uma questão politica?

Agora principalmente que o estado deve como nunca deveu, agora que as difficuldades financeiras cresceram, agora que o paiz se vê a braços com um *deficit* espantoso, e que, sem se ser visionario, se pode enxergar não muito longe uma banca-rota, se remedio prompto não for applicado ao mal que mina as nossas finanças, nesta occasião solemne os odios partidarios deviam sopitar-se, as mesquinhas ambições deviam desapparecer; e, em vez de odios, fulgurar bem vivido e bem refulgente o amor da patria, e, em logar de ambições mesquinhas, apparecer a unica, a exclusiva, a nobre ambição de se arredar [illegible] da borda do abysmo.

Mas se fossem licitas as animadversões partidarias no importante assumpto que a camara está discutindo, não tinham agora razão de ser, não podiam de modo algum ser justificadas. Só quem não sabe o que seja o orçamento é que pode admittir tal coisa. O nosso orçamento do modo como está formulado não é obra exclusiva deste ou daquelle grupo politico. As suas demasias, as suas prodigalidades, os seus desgovernos ou as suas economias não é somente a herança de uma situação. Vem lá compendiados os erros de muitos governos; vem lá provada a ignorancia de muito estadista, a par de actos bons de alguns ministerios.

Os que hoje fazem recriminações ao governo, já pertenceram a essas situações; já talvez applaudiram o que hoje censuram.

Accusar o actual ministerio quando elle mostra lealmente o legado de situações passadas, lançar-lhe em rosto os erros em que elle não tem culpa alguma, parece-nos combater sem lealdade, ou melhor, impugnar irrisoriamente.

A este proposito dizia ha pouco um illustrado e independente jornal de Lisboa:

«Deixa um estadista o governo do paiz, deixam com elle a influencia e direcção das cousas publicas os homens que no parlamento e na imprensa lhe deram conselho, apoio e collaboração. Apresentou nas côrtes o ultimo orçamento da sua gerencia. Succedem outros homens e differentes influencias na superior administração. Vem a debate um orçamento que sómente é novo na data e na assignatura. Veremos agora os que na vespera defendiam, com o ultimo esforço do entendimento e do civismo, um egual ou similhante systema e uma identica repartição das despezas publicas, capitular libellos, aguçar censuras, acerar epygrammas contra o novo orçamento, onde estão colligidos os erros e os desmandos governativos dos censores improvidentes.»

Dirá o bom senso e repetirá a justiça que, a censura implacavel de hoje não attenua nem repara a contumacia com que hontem, no governo, se desattenderam os preceitos da boa economia, e se dispendeu em prodigalidades o que bem poupado, mais folgadamente chegaria para acudir aos encargos uteis e necessarios do paiz. E' como se o architecto que désse traço para edificio vicioso, mal decorado e distribuido, deixada a direcção da obra, viesse confundir-se entre os que passam, para encarecer defeitos onde, alguns dias antes, só admirára atticismo e formosura architectonica.

«A verdade crua e inexoravel affirma que todos os partidos e situações, que teem passado á frente dos negocios, teem gerido por um systema quasi sempre lastimoso á fazenda publica, e hesitado e estremecido ante as minimas reformas na administração. Se a organisação dos serviços do estado, se a constituição da fazenda de um paiz indicam pelas suas variantes as diversas escholas em que se divide a opinião politica, poder-se-hia dizer que neste paiz, quanto aos pontos fundamentaes, chegamos á inaudita perfeição de vermos concordes os partidos e confundidos paternalmente n'uma crença invariavel.»

De feito, o orçamento da democracia não pode ser egual ao da monarchia absoluta; o do progressista ao do conservador; o do liberal convencido das excellencias de uma civilisação sempre crescente, ao do reaccionario volvendo a cada passo os olhos saudosos para o passado. O orçamento é a photographia dos governos e da sua politica. Quando o orçamento é immutavel e permanece como a cidadella inexpugnavel em redor da qual os partidos disputam o poder, é porque os homens apenas mudam, mas fica de pé e triumphante o mesmo symbolo politico; e se os seis nomes que completam a lista do gabinete variam com as vicissitudes partidarias, a indole, o temperamento, o espirito dos ministerios fica sempre inalteravel no meio destas procellas tempestuosas, levantadas e applacadas alternativamente pelo tridente da ambição.»

Isto, a nosso vêr, é exacto. E' uma triste verdade, mas que se deve dizer desassombradamente. O orçamento é censurado por aquelles mesmos que já louvaminharam situações que herdaram este legado ao actual ministerio. Frisa-lhes á maravilha a imagem do architecto que parecia rever-se na sua obra, e pouco depois lhe vae notar defeitos.

Mau é se este estado de cousas continúa assim por muito tempo. Mau é, se breve uma scintilla de patriotismo não penetra muitos espiritos pendentes ao scepticismo politico. Mal para o paiz, se os seus representantes não dão treguas ás paixões partidarias, e se votam ao bem da patria nesta importantissima questão.

O systema representativo que felizmente nos rege produziu abençoados fructos logo que foi plantado nesta terra. Havia então tanta sêde de liberdade, como, porventura, hoje a ha de ambição. Mas o patriotismo de outr'ora, o patriotismo dos homens que viram amanhecer esse dia, e que assistiram em sinceros jubilos d'alma ao baque do colosso que assentava sobre a peanha medonha da inquisição, e sobretudo o que era intolerancia e sangue, esse patriotismo queriamos nós vel-o sempre brilhante e sem macula nos homens que o povo elegeu para olharem pelos interesses do paiz. Infelizmente não é assim. Os odios partidarios presidem a todas as questões, entram em tudo, apossam-se de tudo.

Lembram-nos agora com tristeza as palavras de um grande vulto da nossa historia politica, de Mousinho da Silveira, que dizia «que o liberalismo havia de matar as facções, ou estas acabariam com elle.»

E' necessario, é indispensavel que na questão da fazenda que hoje deve de absorver todas as attenções, que deve ser o unico alvo onde vizem os nossos estadistas, que deve ser o principal ponto em que se concentrem todos os seus cuidados, é indispensavel, repetimos, que as animadversões de partido se ponham bem de parte, e que, mãos dadas, e que, esforços reunidos, se caminho com desassombro e com energia para o fim que o dever aponta — melhoramento das finanças.

Deu-se uma circumstancia digna de reparo na eleição a que se procedeu no domingo, em Vagos. Eram dezenove os votantes. Entraram na urna dezenove listas, e egualmente dezenove listas se encontraram quando se fez a contagem.

Procedeu-se ao apuramento, e appareceu o sr. José Antonio Pereira Bilhano com dez votos, e o sr. Augusto Ferreira Pinto Basto egualmente com dez votos!

O caso era novo. Dezenove listas não podem produzir vinte votos. Fez-se nova contagem, e encontraram-se vinte listas!

Não estava alli mr. Herman, e a assembleia quedou espantada da mystificação que diante das suas vistas se operára e com tanta presteza e perfeição, que ninguem a percebêra.

O sr. vice-presidente da camara de Vagos que presidia á assembleia, estava em uma confusão que causava dó, porque todos olhavam para elle, e pareciam pedir-lhe contas daquelle successo.

Não dizemos que o sr. vice-presidente tenha as artes da Madre Celestina Encantadora, mas tendo sido s. s.ª que contára as listas, que as mettêra dentro da urna, e que depois as distribuira aos escrutinadores, parecia natural que désse a explicação do succedido.

Não deu. Ficou silencioso e acabrunhado.

Igitur cogita!

A assembleia, por conseguinte, resolveu que a eleição fosse adiada até ser marcado novo dia pelo conselho de districto.

Meu caro Agostinho Lobo.

Vi a carta, que ultimamente me dirigistes no *Districto*. Sabes a primeira impressão, que me causou? Não sabes; nem talvez imagines. Pois eu t'o digo. Foi uma saudosa recordação do nosso tempo de Coimbra; daquelle nosso viver academico; daquella nossa intimidade de condiscipulos, de amigos, e para assim dizer de irmãos. Bello tempo foi esse!... O peor é que já lá vae ha muito; e não volta!...

Como nos tompamos hoje neste campo da imprensa; nós, que ha mais de vinte annos nos não vemos, nem mesmo temos trocado ideias em palestra epistolar?... E' ainda este um dos effeitos salutares daquella benefica instituição. Avivo relações; desperta saudades; e tudo isto a trôco de uma discussão importante dos negocios do paiz!...

Começas tu por perguntar,—se eu me *penteio para sair nas proximas eleições pae da patria*; — e respondes logo, que crês, que sim. Cedo começava eu a preparar-me!... Logo no principio da legislatura!.. Quatro annos de preparatorios!.. Oh meu caro amigo, que grande illusão é a tua!... E' um resultado da falta da nossa convivencia. Não sabes as minhas ideias, o meu modo de pensar. Se o soubesses, não fazias aquella pergunta; e muito menos davas aquella resposta.

Essas minhas ideias sobre tal ponto, quero dizer, sobre materia eleitoral, estava eu agora muito longe de publical-as. Eram coisa muito minha, que só tenho expendido no trato intimo d'alguns amigos. E' preciso porém dissipar-te a illusão. Ahi te vou apresentar algumas dellas. A responsabilidade deste passo,—já se vê—, não é minha. Tomo-a sobre ti; que é toda tua. O que te posso affiançar é, que taes ideias me não fazem corar a face; nem a responsabilidade da sua publicação te vae ser muito pesada.

Imaginaste, que se não podia tomar uma tal ou qual parte na discussão das coisas publicas, senão debaixo da pressão da ideia fixa de ser eleito deputado. Sei a razão d'essa opinião; e sei tambem, que os factos a auctorisam até certo ponto. Ha muita gente, que pensa, que se não pode viver, sem se ser deputado. Pois eu digo-te, que se pode viver, que se vive, e muito bem sem tamanha honra. E' mesmo possivel sem ella, discutir os negocios do paiz, expôr ideias, notar abusos, e censurar os desatinos da governança. Tudo isto se faz em qualquer posição, e ainda sem aquelle mobil d'ambição.

Meu amigo. — Não pretendo ser de-

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 540.)

Evocado dos penetraes do paiol dos mantimentos, onde estava a ponto de fazer em companhia de um amigo estudos comparativos sobre a força do arrack e do rhum, appareceu logo Jack á soleira da porta, e aguardou, girando o chapéu entre os dedos, as ordens de sir Arthur Sidney.

— Traz uma célha cheia d'agua, disse Sidney a Jack, que maravilhado da ordem desusada não se teve que não pedisse repetição della.

— Foi uma célha d'agua que vossa excellencia disse?!

— Foi;—de que te espantas? retorquiu Sidney.

— De nada, mylord; pensava que não tinha ouvido bem, respondeu Jack; vou de carreira buscar o que vossa excellencia manda.

Apoz minutos volveu Jack, trazendo com seu amigo Mackgill uma tina cheia d'agua, que geitosamente foi deposta no liminar do aposento.

Logo que se afastaram os dois marinheiros, pegou Sidney com delicadeza no batelzinho, e o pousou na agua com a gravidade do menino, que cuida lançar uma nau de linha n'uma célha.

Caso estranho! O batel em vez de fluctuar, como era d'esperar, enterrou-se gradualmente, e mergulhou na agua da tina, o que muito pareceu deleitar Sidney e Volmerange, bem que ordinariamente não se construam barcos para irem a pique.

Sidney arrebatado d'enthusiasmo, e notando que o batelzinho não se submergia até ao fundo da tina, exclamou:

— Attenta, Benedicto, como se sustém naquella profundidade; calculei justo; oh! agora estou seguro de tudo.

E os olhos fuzilaram, e as ventas dilataram-se inchadas de nobre ufania; breve porém, reasumindo o sangue frio usual, aforrou a manga, mergulhou na agua o braço nú, e tirou o botesinho, que fechou cuidadosamente, depois de escoado.

O exito desta experiencia pareceu tambem aprazer muito a Benedicto, e desde aquelle dia um raio d'esperança lhe mitigou a tristeza. A melancholia porém da pobre Edith, que não communicava do segredo do batel, se transformára em taciturna resignação. Como já dissemos, outra diversão não tinha que o espectaculo da immensidade.

Já durava a viagem cerca de trez mezes, e não parecia perto do seu termo. Lá no remoto horisonte haviam ficado pela pôpa as Canarias, e as ilhas de Cabo-Verde; ao passarem pela ilha da Ascensão, Mackgill e Jack, mandados na lancha á gruta das noticias, acharam na garrafa pendente da abobeda, um papel enrolado e cuberto de signaes enigmaticos, que trouxeram a sir Arthur Sidney.

Leu sir Arthur correntemente as garabulhas extranhas depois d'assentar sobre ellas um papel cortado em feitio de rexa, que tirou da carteira, e pareceu ficar satisfeito do contheudo do bilhete hieroglyphico, porque disse a Benedicto:

— Está bem: vae tudo como quero.

Passada a ilha da Ascensão, e ao cabo d'algumas singraduras começou a emergir do oceano uma nuvemzinha cinzenta, qual floco de bulcão sorvido pelo sol.

Em pouco tempo condensou-se um tanto a nuvem, e esboçaram-se-lhe os delineamentos com mais correcção no horisonte claro; já com o oculo se lhe avistavam os perfis.

Não era com certeza nuvem.

Era terra; era uma ilha; gradualmente se erguia do seio das ondas não mostrando ainda em razão da declividade do mar, senão o recorte das serras. Mas d'ahi a pouco appareceu inteira, immovel, e sombria, rodeada do pallido cinto d'espuma.

Massas volcanicas de desmarcados rochedos, aprumados a dois mil pés d'altura, pendoravam ao mar, que lhes escavava os alicerces, e se revolvia desgrenhado, e doudo de furia, nas anfractuosidades cavadas pelas proprias investidas; dirieis que tinha consciencia do que fazia, tantas vezes voltavam as ondas á carga com extraordinaria sanha.

Estas grandes massas de granito, esfumadas na base pelo nevoeiro de espuma, tinham os pincaros banhados de nuvens entremeadas de raios de sol.

Representavam um painel de magestade bravia e sinistra os giganticos alambores,—as ladeiras esbrugadas, onde a lava dos volcões resfriados traçava sulcos eguaes a cicatrizes d'antigas feridas, as lombas da serra esterilisadas pelos torrentes da chuva; — tinha tudo apparencia grandiosamente sinistra.

Aquellas penedias afiguravam haver tombado das alturas do céu no dia da escalada dos gigantes; estavam ainda por toda a parte esborcinadas e combustas dos golpes do raio. Devia passar-se ali cousa sobrehumana, alguma vingança inaudita, algum supplicio, que relembrasse as cruzes do Caucaso, e involuntariamente os olhos procuravam em algum pincaro o perfil collossal d'um Prometheu agrilhoado.

Por minguada que fosse a imaginação do observador, uma nuvem d'azas abertas, que palpitava, sobranceiando um pincaro vagamentens calavrado em fórma humana, representava sufficientemente o abutre.

E em verdade, um Prometheu tamanho como o primeiro mugia encravado ali ha cinco annos pela força e poderio, como na tragedia d'Eschylo.

Estava toda a tripulação no convez.

Contemplava sir Arthur Sidney a negra ilha com indisivel olhar, em que se lia vergonha, dôr, e esperança. Apertava callado a mão de Benedicto de pé juncto delle, e que tambem parecia entranhado de viva commoção.

Havia o capitão Pepperel deixado em meio um gallão de rhum, o que era nelle claro indicio de perturbação moral.

Foi dada ordem de lançar ferro defronte da cidade, cujos edificios pardacentos se esboçavam no fundo da grande rotura dos montes, só naquella parte abertos, porque em todo o redor cercam a ilha como um cinto de torres e bastiões.

Edith, que a bordo da *Linda Joanna* vivêra em inteira soledade, e que nunca inquirira do destino da viajem, movida pela curiosidade á vista daquella terra, acercou-se timidamente de sir Arthur Sidney, que, não podendo desfitar os olhos do espectaculo fronteiro, lhe pousou no braço as pontas dos dedos; então perguntou-lhe com voz um pouco trémula, porque nunca lhe dirigia palavra primeiro:

— Como se chama esta ilha, mylord?

— Esta ilha, respondeu sir Arthur Sidney, saindo da meditação, e com singular accento, esta ilha chama-se «Santa Helena»!

(*Continúa.*)

putado; nunca me lembrou sel-o; e nunca pedirei para o ser. Aqui t'o digo bem alto. Ora bem vês, que tendo estas ideias, e estando muito deliberado, a seguir a linha de procedimento, que ellas traçam, é moralmente impossivel a verificação de similhante facto; quando ha tanta gente, que quer, — que pede, — e que faz ainda mais, que isso, para ser deputado. O meu circulo d'ambição é muito limitado; não toca nem de leve o circulo pequeno ou grande da ambição d'outrem. Todos os candidatos presentes ou futuros teem a receiar pouco da minha rivalidade. Pela minha parte tem o campo perfeitamente livre.

Fallo-te francamente: mas fallo na esphera dos principios, das ideias geraes. Não desço a personalidades; não quero ferir susceptibilidades. Repugna isso com o meu caracter essencialmente inoffensivo. E' preciso porém dizer-te, que não gosto de ver um homem de porta em porta a pedir com chapeu na mão, que votem nelle para deputado. Faz-me isto lembrar o mendigo, que anda tambem pelas portas dos fieis de Deus pedindo uma fatia de pão com a saccola ás costas. Acho isto um pouco abaixo da dignidade de porte, da elevação de caracter, que exige tão importante cargo. Acho tambem, que aquelle pedido, feito pelo candidato ao eleitor, decomposto por uma critica sensata, se resolve no seguinte: — «Senhor fulano, pretendo ser deputado; porque ainda que para «o ser dignamente se exija muita intelligencia, muitos conhecimentos, e muito «patriotismo, eu possuo tudo isso; e com «taes titulos estou habilitado a sollicitar «o seu voto» Vem a ser isto, creio eu. E' o que me dita a minha critica. Ora eu supponho, que por maior, que seja a ideia, que um homem forme do seu merito, nunca elle é competente, para expendel-a ainda com reserva; e muito menos para invocal-a como titulo de elevação pessoal. Isso pertence aos outros. Os outros é que são os verdadeiros juizes do merito pessoal de cada um. Conseguintemente, se qualquer cidadão tem merito, os seus concidadãos, os seus visinhos o avaliarão devidamente; e hoje pelo systema eleitoral de campanario podem muito bem recompensal-o. Se não se lembrarem delle, tenha paciencia. Suffoque a sua ambição, se a possue; contente-se com o seu merito, se o tem; e trate da sua vida. O que posso affiançar é que, se elle tiver verdadeiro merito, sempre conseguirá a estima dos seus concidadãos, pelo menos dos honestos e sensatos. E já isto não é pouco. Em quanto a mim não é menos honroso, que um diploma de deputado, especialmente se esse diploma não for *limpo*.

Isto de eleições — meu caro — é coisa puramente do povo; mas do povo em liberdade. Nada d'influencia d'auctoridades; nada de violencias, ameaças e alicantinas de qualquer genero.

Lembra-me ouvir dizer aqui ha tempos a um pobre lavrador, que o dia das eleições para elle era um dia de martyrio. Tal era a força da pressão, com que o entalavam!... Como é pois, que no systema representativo, cuja base é a eleição, o dia d'esta, que deve ser de regosijo para para o povo, se torna pelo contrario um dia de martyrio?... Quando reinarão os bons principios?... Parece-me, que estamos ainda muito longe d'essa epoca feliz, — d'essa idade d'oiro do systema representativo!... Todavia appellemos para o tempo, — esse reformador incansavel dos abusos sociaes.

São estas as minhas ideias. Ahi as tens. Agora está-me parecendo, que retiras aquella tua pergunta, e sobre tudo a tal resposta. Não concordas?

Escrevo ás vezes para a imprensa sobre algum objecto de interesse publico: e escrevi ultimamente sobre o orçamento do estado. O quadro tristissimo das finanças do paiz tocou-me profundamente. Expuz sobre isso as minhas ideias; e n'isso fui coherente com os meus principios. Á vista da importancia, a que chegou actualmente a imprensa do paiz, entendo, que todo o homem deve ir ali depositar as suas ideias, o fructo dos seus estudos, e ainda as suas reflexões sobre interesses puramente locaes. E' minha convicção, que se assim se tivesse feito ha muito, as coisas publicas teriam talvez melhorado um pouco. A concentração do homem na vida domestica, a sua abstenção dos negocios publicos, a sua resignação dos fóros de cidadão parece-me um symptoma de decrepidez nacional. Tal symptoma dezejava eu, que desapareceesse; e que o paiz pelo contrario apresentasse muita vida.

Dizes tambem na tua, que se eu papagaiasse o meu artigo em S. Bento faria não sei que... Olha meu caro amigo. Eu sou por indole pouco proprio, para papagaiar; e em relação aos que estão em S. Bento o censuro ainda por principios. A proposito de papagaiar dir-te-hei, que li no *Districto* n.º 539 algumas reflexões, que me parecerão muito sensatas. Indica-se ali, que para ser bom deputado não é preciso papagaiar muito. Basta fallar pouco e acertado. Parece-me tambem, que um dos defeitos da nossa actual camara é o tal muito papagaiar. E' talvez uma qualidade caracteristica do povo peninsular, que tem muito da raça arabe, essencialmente phantasiosa e romanesca. O caso é, que se vae o tempo em discursos, e não apparecem leis. A camara pode bem comparar-se a uma arvore, que dá muita flor e pouco fructo. Ordinariamente os pomareiros não gostam destas arvores. Aquelle defeito procede de olharem os deputados muito para si, e pouco para a nação; quando deviam olhar (creio eu) um pouco mais para esta, que para si. Lembras-te da discussão da lei da imprensa?... Has de lembrar-te. Estavam quasi todos concordes na sustancia. Os pontos de divergencia eram perfeitamente secundarios; e podiam bem discutir-se em duas ou trez sessões. Pois olha, que a tal discussão levou para para mais de trez semanas. Foram os discursos sobre a belleza da imprensa; — foram as flores a embellezar essa belleza; — foi o sangue arabe em perfeita ebullição. Mas o peor é, que a nação pagou tudo isso muito caro. Queres saber, quanto gasta a nação com as côrtes, como consta do orçamento? São cento e quarenta e um contos de réis!... Agora nota, que os trez mezes da sessão annual já lá vão; e as leis, que o paiz tanto precisa, como a reforma do jury, essa mesmo da imprensa, e muitas mais, estão ainda em embryão!... Nem o orçamento discutido!... Nem nada!... Não digo bem: temos alguma coisa, muita coisa; são... discursos!... Os inglezes dizem, que o tempo é dinheiro. São por isso muito sobrios de tempo. Tratam de empregal-o bem. Nós precisamos decididamente de temperar a nossa redundancia loquaz da raça arabe com o prudente laconismo daquelles frios insulares.

Mas que é isto?... Iamo-nos por ahi além sem caminho, nem carreiro. Tornemos ao ponto.

Dizes tu a proposito dos meios de remediar o *deficit*, que o imposto das bebidas iria diminuir os recursos das camaras municipaes. Isso é verdade. Mas que se lhe ha de fazer?... Sendo, como é, indispensavel, recorrer ao imposto; a qual queres tu que se recorra?... ao directo?... Parece-te a agricultura, — essa nossa quasi unica industria, — ainda pouco carregada?... O actual imposto do real d'agua é insignificante; parece-me que pode muito bem ser elevado pelo menos durante as circumstancia excepcionaes do paiz. E' um remedio d'occasião. As finanças não se hão de organisar um dia?...

Discordas da minha opinião no tocante á exploração das minas por conta do estado Temer a grande nuvem d'empregados, que isso traria comsigo. Tens razão até certo ponto. Mas perguntarei: — não havemos de ter um dia um governo, que seja verdadeiro governo, que tenha dó desta infeliz nação?... Não ha de um dia reinar uma salutar economia em todos os ramos de administração publica?... Se não ha de realisar-se esta lisongeira esperança; então deixemo-nos ir d'olhos fechados e braços cruzados pela agua abaixo até á medonha voragem, que nos espera!.., E' o verdadeiro!...

Tu não sabes os lucros que tiram os exploradores da mina de S. Domingos!... E' uma cousa maravilhosa!... Pois olha que a mina d'Aljustrel que está ainda por explorar, não é somenos daquella, pelo que dizem os entendedores. Vê lá, o que tal mina poderia dar com uma boa administração!...

Muito mais tinha que te dizer; que o objecto é importante. Mas a carta já vae longa. Ficará para outra vez.

Vou terminar, pedindo-te incarecidamente uma cousa. Não m'a recuses como amigo, mesmo porque é facil de fazer. Nestas discussões da imprensa não te occupes da minha humilde pessoa, que não merece a pena. Estas discussões pessoaes são me muito penosas. Discutamos quanto quizeres os negocios publicos. Nesse campo achar-me-has sempre de bom grado: no outro de nenhum modo.

A. F. MELICIO.

Publicâmos em seguida o seguinte documento extrahido do *Diario de Lisboa* n.º 70, a respeito do contrato Balestrini:

«Senhor — Consultou o conselho de obras publicas em 1 de maio de 1862 ácerca de uma proposta apresentada pelo engenheiro francez P. A. Balestrini em 5 de fevereiro daquelle anno, para a concessão de passagem por alguns pontos do territorio portuguez da linha electrico-telegraphica projectada pelo dito engenheiro entre os continentes da Europa, Africa e America, e utorosim de certas vantagens á empreza que para esse objecto promette organisar.

O ministro plenipotenciario portuguez na côrte de França, havia transmittido aquella proposta, e solicitado uma resolução do governo de Portugal, quanto a fazer-se representar no congresso de Pariz devia discutir e apreciar a empreza em projecto, por parte das nações directamente interessadas, que são Portugal, Hespanha, Marrocos, França, Brazil, Hollanda, Inglaterra, Dinamarca, Italia e Estados Unidos.

Largamente expoz na dita consulta o conselho das obras publicas as suas ideias sobre o assumpto, e propondo a approvação do pensamento fundamental da empreza e á de uma conferencia internacional que o formulasse em termos praticos e convenientes fez, como lhe cumpria, todas as observações que julgou necessarias em relação aos differentes artigos da proposta Já nessas observações bem claro ia o intuito de acceitar e auxiliar a empreza, como do alcance e utilidade universal, mas ia tambem expresso o desejo de assim o fazer sem grande sacrificio, nem futuras complicações para o paiz.

Dignou-se V. M. nomear e dar as devidas instrucções ao diploma representante do governo portuguez na conferencia internacional de Pariz, onde se discutiu e sobremodo resolveu este negocio.

E' grato ao conselho de obras publicas o ver que a sua consulta de 1 de maio do anno passado serviu de base ás referidas instrucções, porque ha n'isso um testemunho de que as ideias consignadas naquella consulta mereceram a regia approvação.

Em 30 de abril do corrente anno o ministro dos negocios estrangeiros do imperio francez convidou o representante de Portugal no dito imperio a concorrer á conferencia internacional. Reuniu-se esta effectivamente no dia 4 de maio, sob a presidencia daquelle ministro. Todas as referidas nações directamente interessadas no assumpto, menos a Inglaterra, Hollanda, Marrocos e Estados Unidos, se fizeram representar: a Italia concorreu tambem á conferencia.

Em officio de 5 de maio deste anno, diz o nosso representante em Pariz, que a Inglaterra se absteve da conferencia internacional por não ter ainda renunciado ao projecto de uma outra linha electro-telegraphica sub-marina entre a Europa e a America do Norte. E' possivel; mas ao conselho de obras publicas parece um pouco arriscado o explicar assim a abstenção ingleza n'um negocio desta ordem. Talvez no escrupulo com que o governo inglez intervem em emprezas da indole da do engenheiro Balestrini, e ainda n'outros motivos mais ponderosos, esteja a explicação plausivel do facto.

Seja como for, constituiu-se a conferencia internacional, e incumbiu a uma commissão especial o exame das propostas do engenheiro Balestrini. Esta commissão foi composta de secretarios ou addidos servindo nas embaixadas dos paizes representados na conferencia, de quatro delegados do governo francez, e presidia pelo principe Poniatowski.

Ahi foi discutido este assumpto, e nesta discussão relevam as observações, feitas pelo delegado do governo portuguez, em cumprimento das suas instrucções. Algumas dessas observações foram de tal força que tiveram a annuencia dos representantes d'outros paizes; e deram logar a modificações importantes no projecto de convenção internacional. Apesar porem de louvaveis esforços, não pôde o delegado portuguez obter todas as alterações que convem e parecem necessarias.

O conselho de obras publicas leu com attenção as actas das sessões da commissão delegataria da conferencia, e a impressão que recebeu nessa leitura o leva a crer que a commissão não quiz empenhar-se n'uma discussão profunda da materia. Salvou comtudo as apparencias. O sr. Zœpffel, delegado do governo imperial, fez gravissimas objecções á proposta Balestrini. Foram chamados á autoria este engenheiro, e bem assim um artista entendido na especialidade. Tanto estes como o sr. de Vougy, tambem delegado do governo imperial, defenderam como poderam a proposta contra os ataques que lhe foram dirigidos.

Porém conscienciosamente o conselho de obras publicas julga não se haver cabalmente respondido ás observações ponderosas, nem completamente desfeito as duvidas do sr. Zœpffel. Bastava todavia o serem ellas combatidas por um dos delegados francezes para não poderem surtir effeito nem modificação importante na proposta de convenção, porque faltava o accordo entre esses delegados, que só collectivamente representavam o governo imperial, e porque nenhum dos delegados d'outros paizes ousou fazer suas as observações do sr. Zœpffel.

Encerrada a discussão dos quinze artigos do projecto de convenção internacional, e approvada a redacção definitiva delles na commissão, reuniu-se de novo a conferencia internacional, e no dia 3 de junho proximo preterito approvou o parecer da commissão, isto é, a conferencia internacional approvou *ad referendum* o compromisso dos governos respectivos reservando a cada um delles o definir dentro do praso de um anno as condições especiaes dos contratos que tem de celebrar com o emprezario Balestrini.

Em 21 de agosto ultimo, o ministro dos negocios estrangeiros do imperio francez insta pela assignatura da convenção internacional, officiando neste sentido ao ministro plenipotenciario em Pariz, e noticiando-lhe por essa occasião estar auctorisado pelo governo de Italia o respectivo ministro em Pariz para subscrever aquella convenção, o que inegavelmente é significativo, e sel-o-ia muito mais se a nação italiana tivesse algum porto ou possessão no Atlantico.

Já antes daquella communicação o ministro de França junto á côrte de V. M. havia representado a necessidade de uma resposta inteiramente satisfactoria e de instrucções precisas sobre os pontos que falta regular nesta pendencia; a saber: subvenção, concorrencia para as sondagens e assentamento dos cabos submarinos no Atlantico e fixação de maximas tarifas.

Tem portanto esta negociação assumido feições tão diplomaticas, que se torna em extremo difficil distinguir ou separar da empreza industrial do engenheiro Balestrini os gabinetes mais empenhados na realisação della, o que complica para Portugal cada vez mais a negociação. E na verdade, quando além de muitos outros, ha na historia contemporanea precedentes, qual o de 25 de outubro de 1858, e a negociação aberta tambem por via diplomatica em 19 de maio de 1854, não pode o governo de V. M. deixar de precaver-se com circumspecção e reserva em negociações desta ordem.

Portugal é summamente interessado no objecto em discussão, não só porque Lisboa é o ponto de partida do cabo submarino e talvez a principal estação telegraphica desta empreza na Europa, senão porque o serviço electro-telegraphico forçosamente abrangerá mais tarde as vastas possessões da Africa portugueza, sendo de uma dessas possessões o archipelago de Cabo-Verde, que desprende a secção mais extensa, contingente e difficil do cabo submarino.

E' patente a todas as vistas a necessidade de regular e definir com clareza os encargos todos que nesta negociação toma o paiz, tanto no que toca a protecção, garantia e subvenção, como no que respeita a sondagem e assentamento dos cabos no fundo do oceano.

O dinheiro do thesouro francez e o da companhia deverão concorrer nesta empreza n'uma proporção fixa e determinada no acto da concessão. Assim se exprimiu no centro da commissão da conferencia internacional em sessão de 27 de maio de 1863, um dos delegados do governo francez. Não pode estranhar-se pois que o conselho de obras publicas tenha adoptado para Portugal esse mesmo principio como fundamento da negociação pendente, e que insista por consequencia nas ponderações da sua consulta de 1 de maio de 1862, na parte em que não foram ainda consideradas nem attendidas.

No officio de 10 de junho deste anno dá conta o ministro plenipotenciario portuguez junto á côrte imperial de França das concessões que obteve e do modo por que cumpriu as instrucções relativas a esta negociação.

1.º Ácerca do itinerario da linha electro-telegraphica obteve que se inserisse no projecto de convenção o seguinte: «Reservas modificações eventuaes que poderão ser convencionadas entre os governos e a companhia concessionaria.»

Parece ao conselho de obras publicas que o que se obteve é de insignificante valia.

As modificações eventuaes estavam já evidentemente salvas pela natureza das cousas: tal declaração era pois dispensavel.

Á parte a grande conveniencia de ligar directa e telegraphicamente, como propunha o governo de V. M. nas instrucções dadas ao seu representante, Mogader e Madeira; áparte tambem a da ligação por aquelle meio e proposta da mesma origem, o archipelago cabo-verdiano com as Guinés ingleza e portugueza, como em virtude da proposta Balestrini se estabelece para a Guiné franceza: seja tudo isso reservado para as modificações eventuaes. O que não póde ficar em duvida, e o de que é impossivel prescindir na convenção internacional, é que o cabo electro-telegraphico toque na ilha de S. Vicente de Cabo Verde, cidade do Mindello, e ali haja estação telegraphica, por ser o Mindello um dos melhores portos do mundo, deposito de carvão para todos os vapores que navegam nos mares de Cabo Verde, e ponto em que tocam quasi todos os navios que fazem derrota pelo cabo da Boa Esperança, e entre a Europa e a America.

Se pois na convenção internacional ficar definido desde logo este ponto de linha electro-telegraphica, como estão os mais e alguns de muito menos importancia naval e mercantil, o que fazer, se depois o concessionario o recusar no contrato especial? Não recorrerá elle á propria convenção, como fundamento de recusa? É por isso que o conselho de obras publicas julga que a convenção internacional não deve ser acceita definitivamente sem uma clausula expressa a tal respeito.

2.º Obteve tambem o nosso representante a seguinte redacção com referencia á garantia da propriedade da empreza: *que o material da linha telegraphica ficaria debaixo da protecção das leis de cada paiz nas mesmas condições em que o estão a propriedade publica e privada.* Assim lhe pareceu ficariam sanadas todas as difficuldades.

E realmente não ficam, porque continuam mal definidos todos os encargos do governo portuguez. E até se figura ao conselho de obras publicas que o governo toma alguns encargos mais na convenção internacional do que os que lhe vinham da proposta inicial do engenheiro Balestrini, na qual se não tratava de tempos de guerra nem se estipulava praso improrogavel para contratar.

Onde está pois e d'onde provém a difficuldade de consignar na convenção, como indicavam as instrucções dadas ao nosso representante, que a reparação de quaesquer sinistros nas propriedades da empreza ficam a cargo della? A redacção ambigua da convenção em presença de certas circumstancias é muito suspeita; e parece ao conselho superflao declarar n'uma convenção desta natureza que qualquer propriedade em Portugal está debaixo da protecção das leis. E' bem marcar o alcance de similhante declaração, e em todo o caso saber se ao governo portuguez incumbe, em virtude della, reparar quaesquer sinistros nas propriedades da empreza, como se fossem do estado. E' logica a declaração e não prejudica a empreza; em quanto de não a fazer podem vir do futuro complicações e um grande onus para o governo portuguez.

3.º A nova redacção do art. 6.º do projecto de convenção internacional está um pouco mais clara a respeito do direito de expropriar, do que a da proposta inicial do engenheiro Balestrini; porém ainda o não está sufficientemente no entender do conselho de obras publicas, por quanto pode inferir-se da approvação do tratado geral da linha electrico-telegraphica a approvação de todas as expropriações que a empreza, e só ella, julgue necessarias para a sua execução. E' isso o que não pode admittir-se e que as instrucções mandavam prevenir, formando dependentes de approvação do governo os detalhes de construcção que demande as expropriações.

4.º Sobre tarifas conseguiu-se melhorar bastante no projecto de convenção internacional a redacção da primitiva proposta do engenheiro Balestrini; e seria comtudo de grande conveniencia o accordo internacional quanto a tarifas maximas nas secções telegraphicas a que não são applicaveis os convenios em vigor. E' necessario subordinar as tarifas ás distancias kilometricas em todas as secções telegraphicas, introduzir os preceitos da revisão, passado um certo praso, e o de não poder a empreza alterar as tarifas sem consentimento do governo, nem conceder favor, a quem quer que seja, que não faça immediatamente extensivo a todos.

5.º A fixação do praso de concessão não foi regulada na commissão de exame. Nota-se que a conferencia internacional sem difficuldade nem discussão o fixou em noventa e nove annos como propoz o engenheiro Balestrini. Não parece todavia ao conselho de obras publicas que este ponto se deva fazer questão.

6.º Na parte relativa á faculdade reservada aos governos para ulteriores concessões de telegraphia submarina em linhas diversas da da concessão Balestrini, parece ter o representante do governo portuguez na conferencia internacional removido por maneira satisfatoria as duvidas, aliás de summa gravidade, offerecidas pelo conselho de obras publicas na sua consulta de 1 de maio do anno passado. Entende pois o conselho que neste ponto importantissimo está tudo regulado, e aceitavel a convenção.

7.º Tambem o conselho de obras publicas julga aceitavel a nova redacção com referencia á ordem de expedição dos despachos, sendo da fiscalisação rigorosa do serviço que depende, em todo o caso, o cumprimento do contrato. Não pode desconhecer-se a grande importancia deste objecto no ponto de vista de salvaguardar os interesses do commercio.

8.º Em relação a sondagem e auxilio a dar aos vapores que hão de effectuar o assentamento dos cabos submarinos, são as instrucções dadas pelo governo de V. M. ao nosso representante em Pariz claras e explicitas. E' tambem de justiça reconhecer os esforços que aquelle funccionario empregou, e não menos o seu delegado na commissão de exame, para o bom exito nesta parte da negociação. Infelizmente pouco mais pôde obter-se do que o registo das suas justissimas reclamações nas actas dos trabalhos da commissão de exame.

Diz porém o ministro plenipotenciario portuguez na côrte de Pariz que obtivera no art. 12.º da convenção uma redacção mais explicita, ficando declarado: *que os governos interessados procederão, depois de previo accordo, ás sondagens que elles julgarem necessarias, não podendo exigir-se delles, para o assentamento dos cabos o emprego simultaneo de mais dois vapores.*

Ora, quanto a esta ultima parte, deve o conselho de obras publicas lembrar que na proposta inicial não se exigia mais, e já lá marcava o engenheiro Balestrini o limite quanto ao numero de barcos a vapor. No que toca a sondagens, a nova redacção do artigo 12.º illudiu a questão em logar de a resolver.

E de facto, sendo a empreza a quem pertence estudar, projectar e executar as obras, não se pode comprehender como se hão de fazer somente as sondagens que um ou outro governo julgue necessarias, e não todas as que o serviço techino da empreza assim julgue e reclame. Similhante estipulação chega a não parecer séria. Além de que o governo portuguez, ou qualquer outro, não pode deixar de julgar

necessarias as sondagens, e de vir a accordo nesse ponto. A questão importante era outra, isto é, saber se por conta do governo portuguez hão de fazer-se todas as sondagens entre Portugal e a costa occidental de Africa, no mar das ilhas de Cabo Verde, e tambem entre este archipelago e o cabo de S. Roque no Brazil.

Se as sondagens não ficam como estavam na proposta inicial do engenheiro Balestrini a cargo do mesmo governo em todas essas extensões, qual é a parte d'ellas que lhe é reservada?

E são essas sondagens feitas n'uma direcção sómente ou em muitas, e em tantas quantas desejar a empreza interessada, como é em optar pela linha mais conveniente e que menos difficuldades offerecer?

Ora é tudo isto exactamente o que ficou por decidir na convenção, tal como está redigida.

E' muito provavel que o governo francez, accrescenta o nosso representante em Pariz, *se encarregue das sondagens*, e quando *nos houvermos de entender com elle a similhante respeito, será então occasião de novo apresentar as justas considerações feitas pelo conselho de obras publicas, etc.*

Singular maneira de fazer valer aquellas justas considerações! Trata o governo portuguez neste momento em plena liberdade? Tem elle ou não agora o direito de aceitar ou regeitar as condições que apresenta o engenheiro Balestrini n'uma proposta industrial? E ha de o governo trocar esta posição legal pela dependencia e supplica perante o governo imperial? Ir pedir mais tarde áquelle governo o que pode no acto da concessão exigir do concessionario?

Não o entende assim o conselho de obras publicas, antes julga que o governo portuguez deveria repellir com energia o encargo que a recente convenção internacional lhe impõe, porque não está definido, e pode mesmo tornar-se desproporcional e iniquo como, de certo, era na proposta inicial do engenheiro Balestrini.

(*Continúa.*)

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 73 de 3 de abril

MINISTERIO DO REINO

Decretos fazendo mercê do titulo de marquez de Sampaio em sua vida ao conde do mesmo nome; do de visconde de Loureiro em sua vida, a Luiz do Loureiro Queiroz do Couto Leitão; do de barão de S. Januario em sua vida a Januario Correia de Almeida; e da medalha de merito, em distincção e premio concedido ao [illegible] Silva.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Noticia de que estão a concurso diversas egrejas parochiaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Mappas da receita e despeza effectuados por differentes cofres publicos no mez de novembro do anno findo.

GUERRA

Annuncio de que está a concurso, por espaço de 15 dias, contados desde 2 de abril, o provimento de um logar de facultativo veterinario do quadro do exercito.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Macau e Cabo Verde.

— Carta de lei confirmando a D. Anna Carolina Maciel, mãe de Duarte Guilherme Coelho, sargento de mar e guerra, fallecido no naufragio do brigue «Mondego», a pensão que lhe foi concedida por decreto de 3 de abril de 1862.

— Outra estabelecendo para o pagamento dos direitos de mercê em titulos de divida fundada o prazo de 8 mezes para os agraciados residentes nas provincias ultramarinas d'aquem do cabo da Boa Esperança, e 18 para os que residirem nas provincias d'além do mesmo cabo.

— Relação dos criminosos a quem S. M., usando de poder moderador, commutou ou perdoou as penas em que tinham incorrido.

— Portarias relativas a isempções do recrutamento da armada.

— Relatorio do sr. Bernardino Barros Gomes, engenheiro subalterno de 2.ª classe na secção de aguas e florestas, ácerca dos estudos de botanica colonial que fez nos 20 dias que se demorou em Berlim.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Decreto approvando o regulamento das operações de seguros mutuos de vida, organisados pelo Banco de Portugal.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 74 de 4 de abril

REINO

Annuncio de que está a concurso o provimento de tres logares de substitutos extraordinarios da faculdade de medicina na Universidade de Coimbra.

FAZENDA

Decreto ordenando que no ministerio da fazenda se abra um credito supplementar de réis 133:280$300, relativo a diversas depezas do mesmo ministerio, liquidadas no exercicio de 1864 1865.

— Outro mandando abrir no mesmo ministerio um credito supplementar a favor da junta do credito publico pela somma de 86:340$740 réis para pagamento do excesso de despeza que se liquidou no anno economico de 1864-1865, quanto á verba para pagamento de differença de cambios e premios de transferencia.

— Outro mandando tambem abrir no mesmo ministerio um credito supplementar de 60:000$000 réis, a favor da junta do credito publico, para pagamento dos premios de transferencias e differenças de caminhos que se liquidarem no actual anno economico de 1865-1866.

— Venda, no dia 12 de maio proximo, de fóros impostos em propriedades sitas no concelho de Almada.

— Mais, no dia 1 de junho, de fóros pertencentes ao concelho de Arronches.

— Mais, no dia 7 de maio, de capitaes não distractados, pertencentes ao concelho de Lamego.

— Mais, no dia 4 de maio, de capitaes não distractados, pertencentes ao concelho de Coimbra.

GUERRA

Annuncio de que os officiaes e praças de pret do exercito em serviço, ou fóra d'elle, que pretenderem ser admittidos no hospital de invalidos militares, estabelecido em Runa, devem fazer os seus requerimentos até o dia 15 de maio proximo.

— Decreto mandando abrir no ministerio da fazenda, a favor do da guerra, um credito supplementar de 26:972$052 reis, a fim de ser applicado ao pagamento da differença do preço das rações de pão e de forragem nos mezes de janeiro a março do corrente anno.

— Ordem do exercito n.º 9.

MARINHA E ULTRAMAR

Portarias relativas a isempções do recrutamento da armada.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 75 de 5 de abril

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Portaria mandando abrir novamente concurso, por provas publicas, para provimento da egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição de Cazal de Cinza, no concelho e bispado da Guarda.

— Licenças a funccionarios judiciaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Carta de lei abolindo desde o 1.º de janeiro de 1867 em diante os privilegios condedidos aos vendedores de papel sellado, e authorisando o governo a regular a venda do mesmo papel, mediante uma certa percentagem.

— Venda, no dia 7 de maio proximo, de capitaes não distractados pertencentes ao concelho de Coimbra.

— Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de março a diversas classes.

GUERRA

Decreto, pelo qual S. M. usando do poder moderador commuta ou perdoa as pennas em que incorreram diversos individuos da classe militar.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 76 de 6 de abril

FAZENDA

Venda, no dia 9 de maio, de capitaes não distractados pertencentes ao concelho de Coimbra.

MARINHA E ULTRAMAR

Portaria relativa a isenções do recrutamento da armada.

Exterior

A questão dos ducados

Não era sem fundamento que se affirmava que a questão austro-prussiana, em quanto aos ducados do Elba, estava longe de tocar o seu termo com o convenio de Gastein. E se alguem se chegou a convencer seriamente da proficuidade de tal ajuste teve dentro em pouco de pôr de parte as suas doces illusões para dar logar á força da realidade. A questão dos ducados era demasiado seria, envolvia em si complicações pouco vulgares para poder ser satisfatoriamente resolvida nos campos da diplomacia. Tentou-se este caminho como mais racional, mais em harmonia com as ideias do seculo, e sobre tudo mais em conformidade com os interesses das partes contratantes: o resultado foi o convenio de Gastein, convenio que não conseguiu captar a benevolencia de nenhuma das nações envolvidas na questão. Os jornaes de Vienna e de Berlim, assim como as correspondencias vindas d'estas duas capitaes, bem deixavam ver que os sentimentos dos povos se não coadunavam com o proceder dos seus representantes em Gastein.

Dado este passo, que muitos julgavam dever aplanar as difficuldades, que na questão dos ducados surgiam de todos os lados, não tardou muito tempo que não apparecessem os despeitos das outras nações, a quem este ajuste ía de alguma maneira affectar os seus interesses, se não era antes a inveja do engrandecimento alheio, que fazia com que estes despeitos se manifestassem mais. Seja o que fôr, o que não padece duvida é que desde então se julgou mais do que nunca problematico o desfecho da questão austro-prussiana, e os ducados do Elba, entrando de novo a occupar a attenção da politica europeia, continuaram a não saber a quem haviam de conferir as honras de suzerania.

As negociações amigavelmente entaboladas entre a Austria e a Prussia parece, segundo todas as apparencias, que não surtiram o desejado effeito. Os preparativos bellicos que ultimamente têem feito estas duas nações, bem estão demonstrando que são pouco amigaveis as relações entre os gabinetes de Vienna e Berlim. Segundo affirmam os mais bem informados correspondentes d'estas duas capitaes os respectivos exercitos acham-se collocados, pode dizer-se, em pé de guerra, promptos a marchar á primeira ordem.

E' portanto no campo da batalha que, segundo parece, se vai pôr um termo á questão dos ducados do Elba. E uma vez declarada a guerra entre a Austria e Prussia a conflagração será geral em toda a Europa. E' esta a opinião dos mais distinctos politicos dos nossos dias, e as paginas ainda abertas da historia contemporanea encarregam-se de corroborar este parecer.

Em 1853, assim como hoje, tambem a Europa gosava das doçuras de uma paz, que nada parecia poder perturbar. Então, assim como hoje, tambem os horisontes politicos se achavam desanuviados, quando de uma questão tão secundaria, que nem havia mesmo podido attrahir as attenções das grandes potencias da Europa, saío o grão de areia que, segundo a expressão do eminente historiador Lecuzon Le-Duc, devia despedaçar o eixo de uma situação apparentemente tão pacifica. Era a questão dos Logares Santos, a qual, ventilada ao principio entre a Russia e e Sublime Porta, teve depois o poder nada menos do que de arrastar as esquadras aliadas anglo-francezas até aos muros de Sebastopol.

Hoje, assim como em 1853, nos achamos a gosar as doçuras de uma paz benefica, e os fructos do progresso e da civilisação; e comtudo uma pequena nuvem levantando-se do mais fundo do horisonte ameaça toldar o ceo puro da politica, arrastando-nos a todos nas azas da tempestade.

Não nos illudamos: a questão austro-prussiana, quando se venha a ventilar no campo da batalha, há de forçosamente arrastar comsigo á lucta as demais potencias da Europa. A Italia aguarda impaciente o momento azado, em que possa sair do estado de entorpecimento, em que presentemente se acha. Veneza é hoje, assim como sempre foi, o alvo que attrae as attenções do novo reino italiano. Distrahida a Austria com a guerra que parece imminente, o governo de Victor Manuel aproveitará a occasião, e a questão do Veneto decedir-se-ha incontinente. Affirma-se mesmo que se trabalha em uma alliança entre a Prussia e a Italia afim de se auxiliarem mutuamente.

E que fará neste caso a França, ella tão ciosa do engrandecimento alheio, a ponto de não poder dissimular este ciume na questão romana, onde tem desempenhado um papel tão pouco invejavel? — «Obrará segundo as circumstancias» — na phrase equivoca e evasiva da diplomacia. Ora estas circumstancias todos sabem que se amoldam perfeitamente aos interesses da politica.

A questão de Roma, que tão mal vai correndo para o poder temporal de sua santidade, não está tambem muito longe do seu desfecho. A Italia aproveitaria sem duvida o ensejo favoravel, que a guerra estrangeira lhe vinha proporcionar, afim de provocar este desfecho. Não queremos dizer que a Italia fosse bater armada ás portas de Roma, calcando assim os tratados celebrados entre ella e a França; não levará sem duvida até ahi a sua imprudencia: todos sabem que Pio IX tem mais que temer de seus proprios vassallos do que do governo de Florença; basta que este por seus emissarios na cidade eterna incite aquelles, á revolta, o que não deixará sem duvida de praticar logo que se lhe offereça occasião propicia — a corrente dos acontecimentas se encarregará de dispôr da cidade dos papas, encorporando-a nos dominios do rei da Italia. E nem a curia romana dissimula já estas apprehensões: sua santidade por bocca do seu ministro já fez saber ao mundo catholico que só no auxilio divino depositava a segurança do poder temporal.

Em fim os acontecimentos de 1853 são provas incontestaveis de quão grandes resultados podem provir da complicação de pequenas questões. Fazemos votos para que, contra todas as apparencias, a paz geral, que ora disfructamos, se não venha a resentir com a questão, ao principio tão secundaria, dos ducados do Elba. Agora que está demonstrando que a felicidade dos povos só póde assentar n'uma paz solida e ininterrompida e nos progressos da civilisação, seria para sentir que uma guerra geral viesse assaltar a Europa no meio das lutas incruentas travadas nos campos gloriosos do trabalho.

F. e C.

O imperador Napoleão recebeu ha dias, nas Tulherias, a deputação do corpo legislativo, encarregada de lhe apresentar a mensagem votada pelo parlamento.

Depois de lida a mensagem pelo conde *Walewski*, respondeu o imperador o seguinte:

«Sr. presidente,

«Senhores deputados,

«A grande maioria do corpo legislativo, confirmou, mais uma vez, com a votação da mensagem, a politica, que, ha quinze annos nos tem dado a tranquilidade e a prosperidade. Agradeço-vos. Sem vos deixar arrastar por theorias vas, que, por meio de seductores aparencias, se annunciam para poder favorecer a emancipação do pensamento, e da actividade humana, tendes dito que tambem queremos alcançar esse mesmo fim, regulando a nossa marcha sobre a tranquilidade das paixões, e sobre as necessidades da sociedade. Não será o nosso movel o interesse geral? E para o cumprimento do vosso mandato, e para o meu poder, que attrativo podia estar separado do amor do bem? Supportaries vós tão longos e penosos trabalhos, se não estivesseis animados de verdadeiro patriotismo? Supportaria eu, ha dezoito annos, o fardo do governo, as preoccupações de todos os instantes, e esta pesada responsabilidade perante Deus, como perante a nação, se não encontrasse em mim a força que dá o sentimento do dever e a consciencia de uma missão util a cumprir?

«A França quer o que todos nós queremos: a estabilidade, o progresso, e a liberdade; mas a liberdade que desenvolve a intelligencia, os instinctos generosos, os nobres esforços do trabalho; e não a liberdade, que visinha da licença, excita as más paixões, destroe todas as crenças, reanima os odios, e fortalece a desordem.

«Queremos essa liberdade que esclarece, que examina, e que discute os actos do governo, e não a que se torna uma arma para o minar surdamente e derrubar.

«Ha quinze annos, chefe nominal do estado, sem poder effectivo, sem apoio na camara, ousei, forte com a minha consciencia, e com os suffragios que me haviam nomeado, declarar que a França não pereceria nas minhas mãos. Tenho mantido a minha palavra.

«Ha quinze annos que a França se desenvolve e engrandece. Os seus altos destinos hão de cumprir-se. Depois de nós, os nossos filhos continuarão a nossa obra. Tenho por garantia o concurso dos grandes corpos do estado, a dedicação do exercito, o patriotismo de todos os bons cidadãos, e finalmente o que nunca faltou á patria—a protecção divina.»

Com relação á situação da Hespanha diz assim um jornal do reino visinho:

«Quando novamente foi chamado ao poder o duque de Tetuão, o paiz julgou que já pela nova adopção de medidas acertadas, já pela sua feliz estrella, a situação melhoraria rapidamente.

«Desde logo a questão de ordem publica, na opinião geral, estava resolvida. Não podendo os partidos radicaes lutar só com as suas forças contra quem os havia vencido quando se apoiavam nas massas armadas, não era possivel que a ordem se perturbasse. No entretanto a ordem foi perturbada pelo proprio exercito, sem que o prestigio, actividade e fortuna do duque de Tetuão evitassem isto.

«A abstenção de alguns partidos era ou suppunha-se que fosse a causa principal da caracter perigoso da situação; a união liberal confiava em lhe pôr termo; tanto que fez d'isso um dos principaes pontos do seu programma, uma das promessas mais lisonjeiras para o paiz.

«Porém a abstenção não cessou, antes parece resistir aos infortunios melhor do que ás seducções de lisonja e ás esperanças de um brilhante e rapido futuro.

«Externamente, ainda quando o duque de Tetuão presidia ao gabinete que realisou a annexação de S. Domingos, causa principal do mau estado da fazenda hespanhola e origem da politica que multiplicou os conflictos na America, é certo que a guerra não começou sob a sua administração e que o paiz não tinha motivos para desconfiar da fortuna d'aquelle n'esta parte.

«Hoje estamos em guerra com parte da America do sul; não temos um só porto aberto ao nosso commercio em toda a costa hespanhola do Pacifico. Uma esquadra numerossima, a trez mil leguas de distancia da patria, sem outro meio de acção, ao que parece, sobre o inimigo, mais que o mui demorado de uma prolongada ameaça e de um bloqueio imperfeito, exige sacrificios immensos, cujas consequencias podem ser tão temiveis para a fazenda hespanhola como as da guerra de S. Domingos; e para o paiz muito peiores, porque ao prejuizo da interrupção das transacções e do commercio com grandes mercados de nossos productos terá de acrescentar-se, quando acabar a guerra, o que produzam as animosidades, os rancores, a pobreza e a perturbação que deixaremos em castigo aos nossos adversarios.

«O governo do duque de Tetuão triumphou, é certo, da revolução quando esta se lançou no campo; porém houve e ha nesse mesmo acontecimento feliz um *guid obscurum*, uma demora na repressão, uma meia victoria e um silencio tão grave nos vencedores que, unido tudo isto ás ultimas declarações do governo, fazem temer novos conflictos n'uma epoca que não vem longe.

«O credito publico não podia deixar de soffrer muito com a prespectiva das grandes despezas e prejuizos de uma guerra maritima e com o estado da questão de ordem publica; a assim vimos que, cotisando-se os consolidados ha um anno a 46 ou 47, hoje, restabelecida, um pouco a circulação dos fundos, não se cotizam ainda a 40. As classes operarias atravessam uma crise tão prolongada como intensa, o trabalho tem diminuido consideravelmente, a producção na mesma escala, e, como prova innegavel do mau estado geral, vemos uma diminuição constante da receita e dos impostos publicos.

«Nada mais natural em presença de tantas difficuldades, de tão graves contratempos, que o paiz perder a confiança que em tempo teve na fortuna, na boa estrella do duque de Tetuão, faltando ao gabinete a que este preside aquella poderosa base sobre a qual fundou cinco annos de tranquilla administração, e que lhe foi elemento com que lutou com os esforços das opposições colligadas. Como ha de haver confiança e ainda menos enthusiasmo no paiz, se a sua situação é tão precaria e lastimosa, e não ha probabilidade de que melhor n'um futuro ainda mesmo longinquo?...

«A desgraça não é um delicto nos homens nem nos governos, como a fortuna não é um titulo mui seguro nem justificado. Não culparemos pois o gabinete do duque de Tetuão por um concurso de circumstancias fataes que escureceram completamente a proverbial boa estrella do seu chefe. Desejamos pelo contrario que desappareçam brevemente, e que volte a ser tão feliz nas suas emprezas como o foi em 1858; porém como não somos fatalistas, aconselhamos-lhe ao mesmo tempo que examine com vagar e rigor a parte que na triste situação actual pode corresponder aos seus actos e ao seu procedimento publico.»

O periodico as «Novedades» julga inevitavel o rompimento mais ou menos proximo entre a dissidencia e o vicalvarismo, proclamando ao mesmo tempo a necessidade de um governo, cujo primeiro pensamento seja realisar as grandes economias de que carece o estado para equilibrar o seu orçamento.

Noticiario

Homenagem de compatriotas. — Os officiaes emigrados hespanhoes, vindos d'Aveiro, que se achavam no theatro de S. João durante a ultima récita da companhia lyrica, foram juntos ao palco demandar o camarim da sr.ª Volpini, e apresentarem os seus cumprimentos á gentil compatriota, que o destino lhes deparou no exilio, laureada pela ovação do enthusiasmo que não tem patria nem politica.

A illustre cantora foi muito sensivel ao espectaculo d'aquella amavel invasão dos uniformes hespanhoes no seu camarim, diz um jornal do Porto.

Economia. — Lê-se na *Revolução de Setembro*. A mulher d'um gallego caiu perigosamente enferma. Chamou-se um medico, e o gallego disse-lhe:

— Sr. medico, tenho de meu 25 duros; quer *mate* quer *cure* minha mulher, será v. o dono do meu capital.

A mulher morreu, e o facultativo reclamou o preço do seu trabalho.

O viuvo então, antes de lhe pagar, perguntou:

— V. matou a minha mulher?

— Não, homem; que barbaridade!

— Curou-a?

— Desgraçadamente, não.

— Pois, amigo, o ajuste é ajuste: eu offereci a v. pagar-lhe quer a *matasse*, quer a *curasse*. V. confessa que não fez nem uma nem outra cousa, e por conseguinte, ficamos em paz.

Couzas da natureza. — Lê-se no *Jornal de Vizeu*: O mez de fevereiro deste anno não teve lua cheia. Em janeiro houve duas e duas em março.

Aquelle facto parecia para muitos couza extraordinaria, e talvez filha d'algum desaranjo no systema planetario. E', porém, um fenomeno filho de causas conhecidas para os homens technicos. Dizem estes, que esse successo se dá de 19 em 19 annos, e que o mesmo aconteceu em 1847 e tem de repetir-se em 1886.

As couzas, que de certo hão de ir procurar-se á astronomia, não as exporemos, por que não somos dos iniciados n'aquella sciencia, nem ás vemos declaradas nos jornaes, donde trasladamos esta «noticia».

Um naufragio e os soldados hespanhoes. — (Do *Portuguez*.) Temos noticias de um correspondente de Peniche, pessoa respeitavel, e para nós de todo o credito, que nos informa do naufragio, que tivera logar naquella praia, do hiate *S. Joaquim I*, mestre A. F. de Sousa.

Diz o nosso correspondente, que no valor, coragem e dedicação humanitaria dos soldados emigrados hespanhoes do batalhão de Almanza se deve salvarem se as vidas de oito pessoas da tripolação.

Accrescenta o nosso correspondente, que quando andava o chefe daquelles emigrados, e a auctoridade dispondo que os soldados acudissim ao logar do perigo, já elles lá estavam a luctar com o inimigo, ao qual arrancaram das mãos aquellas vidas de nossos irmãos.

O soldado portuguez, e o soldado hespanhol, tem sempre um peito nobre, e generoso, pela causa da liberdade e da humanidade.

Recebam os valentes e generosos soldados de Almanza, os nossos parabens e o nosso agradecimento, que é sem duvida o agradecimento do povo portuguez.

Esperamos que o governo cumpra o seu dever, informando-se com as suas authoridades de quaes os corajosos soldados de Almanza que tanto se distinguiram, e os recompense com uma demonstração honrosa para este paiz.

Novo horario. — Começou a vigorar desde o dia 7 o novo horario nas linhas ferreas do norte e leste.

O novo horario é o seguinte:

O 1.º comboyo (mercadorias) sairá de Lisboa ás 7 horas da manhã e chegará a Villa Nova ás 8 horas da tarde. O 2.º comboyo (expresso) sae ás 10 h. da manhã e chega a Villa Nova ás 6 h. e 29

m. da tarde. O 3.º comboyo (mysto) sae ao meio dia e chega ás 10 h. e 29 m. do dia seguinte a Villa Nova. O 4.º (mysto) sae ás 4 h. da tarde e fica em Santarem ás 9 h. e 55 m. da noite. O 6.º (correio) sae ás 8 h. da noite e chega a Gaya ás 6 h. e 29 m. da manhã. O 7.º (mercadorias) sae de Lisboa ás 9 h. da noite e chega a Lisboa ás 4 h. e 10 m. da tarde seguinte. Os comboyos de Villa Nova para Lisboa são: 1.º Ás 6 h. e 30 m. da manhã, chegando ás 8 h. e 55 m. da tarde. 2.º (correio) Ás 6 h. e 30 m. da tarde e chegando a Lisboa ás 5 h. e 15 m. da manhã. 3.º E' o de Santarem. 4.º Ás 8 h. e 30 m. da tarde, e chegando ás 5 h e 15 m. da tarde seguinte. 4.º Ás 10 h. e 30 m. da manhã, chegando a Lisboa ás 7 h. e 16 m. da tarde. 5.º As 10 h. da noite, chegando ás 6 h. e 8 m. da tarde seguinte.

Junta geral.—Foi no domingo a eleição dos procuradores á junta geral por este districto.

Sahiram eleitos:

Por Anadia, Oliveira de Bairro, e Mealhada os srs. Alexandre de Seabra e Albino Ferreira Coelho;

Por Agueda, o sr. José Joaquim da Silva Pinho;

Pela Villa da Feira, os srs. commendador Antonio de Castro Côrte Real, e Manuel Bandeira;

Por Arouca, o sr. Visconde de Almeidinha;

Por Oliveira d'Azemeis e Cambra os srs. Sebastião Ferraz Bravo e Gaspar Maximo Ferraz Bravo,

Por Albergaria o sr. Alvares de Araujo e Albuquerque. Contra esta eleição ha um protesto por irregularidades que viciam completamente o acto eleitoral.

Em Aveiro e Vagos não houve eleição, no primeiro por falta de numero dos membros do conselho municipal, e no segundo por *tranquibernas*, de que tratamos em outra parte desta folha.

Fallecimento.—Falleceu no Porto o sr. Commendador José Maria de Souza Lobo, ajudante da Procuradoria Regia junto á relação d'aquella cidade.

S. ex.ª foi alguns annos governador civil d'este districto, onde deixou amigos.

Sentimos o seu prematuro fallecimento, associando-nos a sua familia no seu justo pezar.

Outro. — No convento das Carmelitas desta cidade falleceu em um dos dias da semana passada a exm.ª sr.ª D. Francisca Thereza de S. José, actual subpriora daquelle convento, e irmã dos srs. Francisco Antonio de Resende, e José Annio de Resende.

Era uma religiosa das mais consideradas no mosteiro pela sua intelligencia e tino, e a sua perda foi uma falta sensivel para aquella casa religiosa.

Com justa razão a choram todas as que ali habitam, e seus irmãos e familia. A todos damos os nossos pezames.

O tempo e a feira. — Levantou a chuva. Ha dois dias que o sol reappareceu radiante, e a atmosphera se limpou daquellas nuvens pardacentas que ha tantos dias a enturbavam.

Temos finalmente primavera.

Mas foi preciso que acabasse a feira. O tempo parece que teimou em mostrar á camara que a transferencia da feira devia ter sido feita para agora.

Hontem dizia um feirante muito zangado:

— Até o tempo se voltou contra aquelles *carqueijeiros* (os camaristas)!

Enganava-se.

Contra quem o tempo se voltou foi contra os feirantes.

Fraternidade perigosa—Hontem de tarde, em uma taberna do Rocio, dois amantes da boa pinga acharam-se conhecidos, e fraternisaram alegremente diante de um pichel do divino licor.

Um d'elles mais ladino percebeu que o outro tinha comsigo umas poucas de libras. Apesar da sua paixão pela pinga, entendeu que mais valiam as loiras, e o demonio tentador insinuou-lhe a criminosa tenção de apoderar-se d'ellas.

Começou portanto a conter-se e a embutir copo sobre copo ao seu parceiro. D'ahi a pouco estava um como anjinho e o outro como demonio preparava-se para o aliviar do peso das libras.

Ha, porém, gente besbilhoteira que não deixa viver os outros. Alguem da taberna percebeu o caso e foi participal-o á auctoridade. Acudiu o sr. administrador do concelho que fez pôr em segurança o dinheiro ameaçado, e pôz em retirada o perigoso conviva do proprietario d'elle.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 9 de abril

Nada ha politicamente que mereça a pena de referir-se. Continua na casa electiva a discussão do orçamento do estado.

Antes porém da ordem do dia na sessão de sexta-feira conversaram alguns deputados com o sr. conde de Castro sobre o mau serviço nos caminhos de ferro do norte.

Segundo nos consta o serviço da linha é muito irregular, e com quanto o governo tenha expedido portarias energicas exigindo que a companhia cumpra com as obrigações do contracto, ella tem zombado sempre, e não tem cumprido cousa alguma. As queixas são frequentes, e só a Providencia Divina, é que tem feito com que até aqui não tenha havido grandes desgraças!

Pois não haverá meios de compellir a companhia ao cumprimento das condições a que ella se ligou? Esperamos que o sr. conde de Castro não perca de vista este tão lamentoso assumpto, por que á boa regularidade do serviço da linha, estão ligados grandes interesses.

Na discussão do orçamento, na sua especialidade, fallaram os srs. Garcez em primeiro logar, José de Moraes, e Sá Nogueira.

Na sessão de sabbado, e antes da ordem do dia o sr. Souza Brandão estranhou que o sr. ministro da justiça não estivesse presente para responder ás suas interpellações, e nomeadamente á que dizia respeito ao concurso para o provimento da egreja de Fornos, no concelho da Feira, quando se não devêra ter aberto esse concurso por ter a freguezia menos de duzentos fogos.

O sr. José Luciano requereu para tomar parte n'aquella interpellação, e fez algumas considerações afim de mostrar, que se era uma resolução do governo, que não é lei não abrir concurso para as egrejas que tivessem menos de 200 fogos, não estava aquella nestas circumstancias, por que pelos dados officiaes sabia-se que era superior o numero de fogos.

O sr. S. Brandão pode estar socegado, por que dentro em breve se ha de verificar a sua interpellação, por que o sr. ministro da ijustiça não receia interpellações.

Passou-se á discussão do orçamento. Fallaram varios deputados, destinguindo-se pelo numero de vezes que fallaram os srs. José de Moraes e Sá Nogueira, que tiveram uma sabbatina de perguntas e respostas como o sr. ministro da fazenda. Votou-se já o orçamento do ministerio da fazenda.

Quando entrar em discussão o orçamento da guerra e das obras publicas é que havemos de ter longos e renhidos combates. Effectivamente nestes dois ministerios é que ha muito que descascar.

— Chamou Deus á sua presença, um mancebo, que era o enlevo de seus paes, e querido de todos, que o conheciam, não só pelas suas affaveis maneiras, como pelo seu talento.

Quem o visse uma vez, ficava para logo sendo seu amigo. Taes eram as qualidades e condão que possuia o sr. Guilherme Frederico de Freitas Oliveira, que, no verdor dos annos, acaba de deixar este valle de lagrimas, victima de uma febre perniciosa. Damos aqui os nossos pezames á familia do finado, e tomamos parte na sua justa dôr, porque eramos contados no numero de seus amigos sinceros.....

— A sr.ª Emilia das Neves fez o seu primeiro beneficio n'uma destas noites no theatro Normal. A enchente foi grande, o enthusiasmo foi grandissimo. A eximia atriz recebeu do publico mais uma prova do quanto sabe apreciar o seu talento. O drama, escolhido pela sr.ª Emilia foi o *Coração e arte*, vertido do italiano.

— A escuna portugueza *Maria Emma*, que se achava no porto de Saffi (Marrocos) naufragou no dia 2, tendo-se salvado felizmente toda a tripolação.

— A companhia de Zarzuela, que se acha trabalhando no circulo «Price», tem agradado muito; as demonstrações têem sido inequivocas da parte do publico.

— Os dois distinctos artistas, o sr. Mongini, e a sr.ª Elisa Volpini teem sido acolhidos com enthusiasmo pelos *dilettanti* do theatro de S. João, do Porto.

A estreia dos dois artistas foi com a ópera *Lucia de Lamermoor* em que tiveram uma ovação completa, havendo mais de 20 chamadas! Já é enthusiasmo!

— O Hiate *S. Joaquim* 1.º nafragou na praia de Peniche. Por informações recebidas, sabe-se, que os emigrados hespanhoes, ali residentes, prestaram valiosos serviços á tripolação que era de 8 pessoas, que se salvaram todas. Recommendamos ao governo os serviços humanitarios daquelles valentes soldados.

— Está aberto o concurso, por espaço de 15 dias, na secretaria da justiça, para a encadernação de 2:400 livros dos conservatorios do registo predial, por series de 100 volumes cada uma.

— A sr.ª viscondessa de Bruges, esposa do sr. visconde do mesmo nome, que exerceu ultimamente o cargo de governador civil da Angra do Heroismo, foi recebida no real paço d'Ajuda, por S. M. a rainha, havendo sido apresentada pela nobre duqueza da Terceira.

— Diz-se que o sr. Francisco Antonio da Silva Mendes, insta pela sua demissão do cargo de governador civil do districto de Vizeu. Ignoramos os motivos d'aquella insistencia.

— Está entre nós, isto é em Lisboa, vindo do Porto, o distincto artista o sr. Cesar Cazella. O merecimento incontestavel d'aquelle artista, já foi devidamente apreciado pelo nosso monarcha, que se dignou recebel-o sendo a apresentação feita pelo marquez de Souza. O sr. Cazella brevemente dará o seu primeiro concerto no Casino Lisbonense, onde o publico irá admirar o subido talento do inemitavel violoncellista.

— O dr. José Joaquim Fernandes Vaz, substituto extraordinario mais antigo da faculdade de direito da universidade, foi promovido ao logar de lente substituto ordinario.

— O dr. Rodrigo Ribeiro de Souza Pinto, lente cathedratico mais antigo da faculdade de mathematica da mesma universidade, foi promovido ao logar de lente de prima, decano e director da referida faculdade.

— Domingos Antonio Simões da Silva foi nomeado por dois annos para o logar de guarda do gabinete de physica da faculdade de philosophia da mesma universidade.

— Foi agraciado com o titulo do conselho de sua magestade, o sr. Joaquim José de Andrade Pinto, capitão de mar e guerra e commandante da fragata D. Fernando.

— A questão, que se suscitou na imprensa, ácerca de ser ou não sanctificado o dia de hoje, resolveu-se officialmente que não era sanctificado, e por isso funccionam as repartições publicas.

— Entrou em discussão o orçamento do ministerio do reino — Falla o sr. José de Moraes.

— Temos hoje um dia creador, é um verdadeiro dia de primavera. Já é tempo de nos deixar o inverno, que tem luctado passo a passo com a formosa estação que lhe quer disputar o mando. O frio tem diminuido.

Y. Z.

Commercio

Mercados nacionaes

Porto, abril 7

Farinha de milho	$540 a $550
Trigo serodio	$930 a $940
» barbella	$750 a $760
» ribeiro	$960 a $980
» da Maia	$980 a 1$000
» vareiro	$920 a $940
Feijão branco	$740 a $760
» vermelho	$790 a $800
» rajado	$660 a $680
» frade	$560 a $580
» marello	$730 a $740
Milho da terra	$480 a $490
» estrangeiro	$450 a $460
Centeio	$570 a $580
Cevada	$440 a $450
batatas (arroba)	$310 a $320
Azeite (almude)	a 6$000

BARRA DE AVEIRO

EMBARCAÇÕES SAHIDAS EM 6 DE ABRIL DE 1866

BRISTOL, Hiate p. — Aveirense, — m. J. Gonçalves, com fructa.

ENTRADAS EM 9

PORTO, Hiate p. — Craveiro 2.º, — m. M. F. Batata, vazio.

Annuncios

AGRADECIMENTO

Crespim José Borges de Castro, Antonio Joaquim Borges de Castro, Rufino Joaquim Borges de Castro, Manuel Joaquim Borges de Castro e Silva, e Gaspar Joaquim Borges de Castro, reconhecidos para com todos os seus amigos, que lhes fizeram o distincto obsequio d'assistir aos officios de sepultura, e acompanhar á ultima morada, sua presada esposa e mãe D. Joaquina Maria de Moura e Silva na egreja de Milheiros de Poares no dia 26 de março findo, agradecem cordealmente a todos e lhes protestam sua eterna gratidão.

Nas proximidades da extincta villa d'Esgueira, muito perto da estação do caminho de ferro desta cidade d'Aveiro, se vendem excellentes pinheiros do grande pinhal do Viso com as necessarias dimensões para postes da linha electrica, e tambem para obra, e lenha. Aquem convier o presente annuncio póde intender-se com Manuel José Gomes Conde d'aquella extincta villa. (1)

Pelo juizo de direito desta comarca, vae requerer o dr. Francisco Antonio Rezende, inventario e contas para partilha dos bens que ficaram por fallecimento de seu tio Bento dos Santos Ventura, e rendimentos desde o fallecimento deste, tudo ainda em poder de seu irmão José Antonio Rezende.

O que se faz publico para que ninguem ignore os encargos que oneram os referidos bens, nem sobre elles contrate ou faça qualquer transação.

Aveiro 1 de abril de 1866.

Dinheiro achado

A pessoa que perdesse uma porção de dinheiro, envolvido n'um sacco, queira declaral-o na typographia deste jornal, que se lhe dirá quem o possue e o entregará a seu dono dando signaes certos.

Quem pretender comprar uma morada de cazas sitas nas Cinco Ruas d'esta cidade, que foram do fallecido doutor Francisco José d'Oliveira Queiroz, póde entender-se com João José dos Santos Machado, d'esta mesma cidade, que se acha auctorisado para contratar a venda das casas referidas.

Antonio da Costa Moreira e mulher D. Rosa Angelica da Motta Moreira, da cidade do Porto, fazem publico, por este meio, que pelo juizo de direito da comarca da Feira e escrivão Ribeiro Pereira, promovem, a interdicção de sua sogra e mãe D. Maria Ignacia Pinto da Motta do logar de Villa-Boa, da Villa da Feira, por ter no estado de viuva desbaratado sem razão seus bens, e assim estar comprehendida no preceito da Ord, l. 4. tit. 107: e como a requerida succedeu ha pouco na herança de seu filho José Bento Pinto da Motta, fallecido no imperio do Brazil, a qual ainda se não liquidou, é mister prevenir a todos que não contratem com a mesma requerida, quer sobre a dita herança, quer sobre outra qualquer cousa do seu patrimonio, e que os annunciantes protestam invalidar qualquer contrato que faça a dita sua sogra e mãe, por não ter capacidade civil. (3)

A camara municipal de Vagos, põe em praça, e arrematação as rendas municipaes deste concelho no dia 22 d'este mez de abril pelas 9 horas da manhã; a saber:

5 réis em quartilho de vinho, 5 réis em quartilho de aguardente 5 réis em alqueire de sal, 40, réis em cada carrada de estrume curtido, 160 réis em cada barco de moliço ou moinha, e 80 réis em cada bateira dos mesmos objectos, na razão de 20 réis cada carrada.

A renda dos carros tanto do concelho, como de fóra na fórma das condições da arrematação. A renda, ou apanha do berbegão.

O que melhor constará das condições da praça.

ATTENÇÃO

No unico deposito em Lisboa pertencente á Empreza da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande, na rua de S. Paulo n.º 70 e 72, se vende muito superior vidraça, (clara, e com bom corte, garantindo-se a conservação da sua boa côr, e brilhantismo por ser manufacturada com lenha) a 160 réis o kilo, vidro ordinario commodo, e crystal fino, superfino, vidro ordinario vidros cortados por preço commodo, e crystal fino, superfino, vidro ordinario pelos antigos preços da mesma fabrica, com descontos muito favoraveis para os encommendatarios segundo as compras que fizerem. — Recebem-se encommendas para o Porto e provincias, obrigando-se a empreza o mandar fazer os transportes pelos caminhos de ferro á sua custa até ás estações que mais convenientes forem aos encommendadores. (4)

Livraria de

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Na Rua Direita em Aveiro

O JUDEU, romance historico por Camillo Castello Branco, 2 vol. . . . 1$000

O FILHO DO BALDAIA, romance historico por Arnaldo Gama, 1 vol. . . 600

DEFEZA DO RACIONALISMO OU ANALYSE DA FE, por Pedro Amorim Vianna, 1 vol. . . . 1$000

VIDA E MILAGRES DO THAMATURGO LUSITANO SANTO ANTONIO, por Antonio Joaquim d'Almeida, 2.ª edição, 2 vol. . . . 500

CODIGO DAS CONTRIBUIÇÕES DIRECTAS, por José da Costa Gomes, 1 vol. . . . 1$200

MANUAL DO PAROCHO ... TRATIVO PAROCHIAL, por Antonio Xavier de Souza Monteiro, 1 vol . . . 200

GUIA DO PAROCHO OU MANUAL COMPLETO DAS OBRIGAÇÕES, DIRECTAS E PRIVILEGIAS DOS PAROCHOS, 1 vol. . . . 600

O GENERAL D. JUAN PRIM EM LISBOA, QUESTÃO INTERNACIONAL, 1 vol. . . . 240

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

DE

FRANCISCO GOMES DA FONSECA

112, — *Rua de D. Pedro*, — 114 — *Porto*.

Acaba de publicar-se:

O MESTRE-ESCOLA,

continuação do PAROCHO de Roselly de Lorgues, e 4.º livro da BIBLIOTHECA RELIGIOSA SELECTA.

Preço..... 500 réis.

Vende-se em Aveiro na livraria do sr. Mello Guimarães.

PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY

PILULAS DE HOLLOWAY

Este remedio é universalmente reconhecido como o mais efficaz que se conhece no mundo. Não ha senão uma causa universal de todas as doenças, isto é impureza do sangue, que é a fonte da vida. Esta impureza depressa se rectifica com o uso das Pilulas de Holloway, as quaes, obrando como depuradores do estomago e intestinos, por meio das suas propriedades balsamicas, purificando o sangue, dão tom e energia aos nervosclos, e meus enrijam todo o systema.

Ellas excedem qualquer outro remedio em regular a digestão. Operam da maneira a mais sadia e effectiva sobre o figado erins, regulam as secreções, fortificam o systema nervoso, e enrijam todo o corpo humano. Mesmo aquellas pessoas da mais delicada constituição podem, sem receio, experimentar os seus effeitos salutares e corroborantes, regulando as dóses conforme ás instrucções que se encontram nos livrinhos impressos em que cadacaixa está enrolada.

UNGUENTO DE HOLLOWAY

A sciencia da medicina não produziu, até hoje, remedio algum que possa ser comparado a este maravilhoso Unguento, que se assimelha tanto ao sangue que, na verdade, fórma parte d'elle, e, circulando com aquelle fluido vital, expelle toda a materia impura, sára e limpa todas as partes affectadas, e cura qualquer sorte de chagas e ulceras.

Este bem conhecido Unguento é infallivel na cura da Escrotula, Cancros, Tumores, Pernas chaguentas, Rigidez das Articulações, Rheumatismo, Gota, Nevralgia, Tic-doloroso, e Paralysia.

Amplas instrucções na lingua Portugueza vão juntas a cada pote e caixa

Acham-se á venda, em caixas e potes, nas principaes boticas de todo o mundo, e na loja do Proprietario, o professor, Holloway, N.º 244, Strand, Londres

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA — *Typ. do* « **Districto d'Aveiro.**